

ZOTTIS, Giovanna. **O nariz vermelho e a rua** - uma permissão para olhar. Compartilhamento de pesquisa em andamento. Campinas: X Reunião Científica da ABRACE. PPGADC Unicamp; Mestranda.

RESUMO: Pesquisa de mestrado em andamento sob orientação do Pq. Dr. Renato Ferracini no PPGADC Unicamp. A pesquisa nasceu do desejo de investigar a relação do palhaço com a rua como metodologia de criação e processo de formação do artista. Inicialmente, a pesquisa seria realizada em quatro fases: Zona de Contato, Zona de Jogo, Zona de Construção e Zona de Representação. Dentro de uma perspectiva cartográfica, descrevo o surgimento de uma nova fase a partir do encontro com o grupo de pesquisadores: a Zona de Contato Individual.

PALAVRAS-CHAVE: Nariz vermelho. Palhaço. Palhaça. Rua. Relação. Cartografia.

ABSTRACT: Master's research in progress under the orientation of Pq. Dr. Renato Ferracini at PPGADC Unicamp. The research was born out of the desire to investigate the relationship between the clown and the street as a method of creation and the artist's training process. Initially, the research would be carried out in four phases: Contact Zone, Play Zone, Construction Zone and Representation Zone. Within a cartographic perspective, I describe the appearance of a new phase from the meeting with the group of researchers: the Individual Contact Zone.

KEYWORDS: Red nose. Clown. Street. Relationship. Cartography.

Neste ano, participei pela primeira vez da Abrace e integrei o GT Artes Cênicas na Rua na “X Reunião Científica da Abrace 2019 - Artes Cênicas e Direitos Humanos”. Nesta ocasião pude compartilhar um pouco da minha pesquisa de mestrado em andamento “O Nariz Vermelho e a Rua – uma permissão para olhar: Procedimentos para aprofundamento e criação na linguagem do palhaço na relação com o espaço urbano”, sob orientação do Pq. Dr. Renato Ferracini no PPGADC Unicamp.

Compartilho aqui um pouco do surgimento da pesquisa, os primeiros passos (Fase Preparatória, Saídas de ReConhecimento - Zonas de Contato Individual e a Primeira Zona de Contato Coletiva), e algumas das reflexões suscitadas a partir do contato das palhaças e dos palhaços pesquisadores com a rua.

Um pouco sobre a pesquisa e sua história

A pesquisa nasceu do desejo de investigar a relação do palhaço com a rua como metodologia de criação e processo de formação do artista. Prevê, além da dissertação, a criação de um espetáculo de rua a partir do contato do palhaço com o espaço urbano, tendo em vista a perspectiva de uma criação da rua para a rua, mantendo constante diálogo entre idas a campo e sala de ensaio, e entre teoria e prática.

Acredito que seja importante destacar que trago para esta pesquisa experiências vividas em grupos de teatro na minha cidade natal, Porto Alegre/RS. E é principalmente a partir destas experiências que surgem as ideias que compõem a metodologia proposta nesta pesquisa. Destaco algumas destas experiências: as 23 edições da Saída de Emergência¹; as investigações com a TrupeZonaDeTeatro², em especial a idealização e realização da primeira “Zona de Jogo”, em 2017³; as pesquisas com o NIC – Núcleo de Investigação Clownesca, em especial as saídas para a realização da intervenção cênica PIC NIC⁴.

¹ Oficina/intervenção realizada mensalmente de fevereiro de 2014 a maio de 2016, juntamente com meus colegas de grupo, dentro do Projeto Usina das Artes, em Porto Alegre. Idealizada e coordenada pela atriz e palhaça Melissa Dornelles, era direcionada para palhaços ou interessados em experimentar a linguagem. Foram 25 edições, das quais participei de 23 (3 como palhaça, 1 como proponente ao lado de Melissa, e 19 como “guardiã” - como era chamada a pessoa que integrava a equipe de apoio). Mais informações estão no artigo “Saída de Emergência: oficina e intervenção – relato sobre experiência formativa na relação do nariz vermelho com rua”, de minha autoria, publicado na 4ª edição dos Anais do VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas –2019.

² A TrupeZonaDeTeatro é formada pelos artistas Fábio Castilhos, Giovanna Zottis e Luzia Ainhoren. Conta com a colaboração permanente da atriz, diretora e palhaça Melissa Dornelles e do músico Sergio Baiano, além de parcerias com outros artistas e coletivos. Formada em 2015, teve sua estreia a partir do espetáculo “Enfim Sós – Uma tragicomédia clownesca”, projeto contemplado com o Prêmio Funarte Caixa Carequinha de Estímulo ao Circo 2014, com direção de Luciane Olendzki. Em 2017 estreia o Espetáculo “Viajantes das Galáxias” e em 2019 “Palhaço, Demasiado Palhaço”. Tem como pilares de sua pesquisa teatral a linguagem do palhaço, a improvisação, a dramaturgia autoral e o teatro físico. Também faz parte de sua investigação a pedagogia da arte, difundindo e trocando saberes e experiências através de oficinas, workshops, intervenções, acreditando no teatro como a arte do encontro e da transformação.

³ Intervenção de rua realizada juntamente com Fábio Castilhos e Luzia Ainhoren, ocasião em que fomos como palhaços para a Esquina Democrática, no Centro de Porto Alegre/RS, para propor aos passantes o jogo de pular corda.

⁴ O Núcleo de Investigação Clownesca – NIC, do qual sou uma das integrantes fundadoras, surgiu em março de 2016 sob a coordenação de Melissa Dornelles, com uma pesquisa centrada no universo de possibilidades do nariz vermelho. Em 2016 seus integrantes realizaram uma mostra de números individuais e em novembro do mesmo ano o grupo estreou seu primeiro espetáculo, o CLOWNEXÃO, na Usina do Gasômetro. No seu primeiro ano, o

Também é em grupo que esta pesquisa se desenvolve. Trago comigo essas parcerias na investigação teatral e no universo do Nariz Vermelho citadas anteriormente. Sem elas, essa pesquisa não seria a mesma, ou ainda, nem seria. Além disso, tive a sorte de ingressar no PPGADC da UNICAMP no mesmo ano que Carla Vendramin (integrante do NIC) ingressou no Doutorado, e que Luzia Ainhoren (integrante da TrupeZonaDeTeatro) ingressou no mestrado, ambas no mesmo programa, e assim puderam integrar o grupo de pesquisa de Campinas/SP. Conto ainda com a dedicação e confiança de novos parceiros, que se somaram a esta trajetória a partir do convite de realizamos juntos a presente pesquisa em Campinas, em 2019.

Grupos de Pesquisa Campinas: Carla Vendramin (NIC), Eduardo Albergaria, Hector Espagnoli, Larissa Blanco, Luzia Ainhoren (TrupeZonaDeTeatro), Naia Pratta.

Grupo de Pesquisa Porto Alegre: Alessandra Matzenauer (NIC), Fábio Castilhos (TrupeZonaDeTeatro), Leticia Moreira (NIC), Lolita Goldschmidt (NIC), Melissa Dornelles (NIC), Silvana Rodrigues (NIC).

As saídas de palhaço realizadas nessa pesquisa foram divididas em quatro fases (Zona de Contato, Zona de Jogo, Zona de Construção e Zona de Representação) e cada uma delas gera elementos para as seguintes. As saídas estão acontecendo de forma regular na cidade de Campinas/SP, e também está prevista a realização de quatro ações pontuais, uma de cada fase, junto ao grupo de pesquisa de Porto Alegre/RS.

A divisão das saídas em fases tem por finalidade isolar os aspectos em foco em cada uma delas. A ordem estabelecida se dá em função da progressão aqui vislumbrada. Os focos vão se modificando, mas também vão

grupo também criou uma intervenção de rua, chamada PIC NIC, que foi realizada na cidade de Guaíba/RS. Em 2017 realizou o Troca-Troca de Palhaços, encontros mensais abertos para compartilhamento, na Casa de Cultura Mario Quintana. Também em 2017 realizou a intervenção PIC-NIC na Virada Sustentável de Porto Alegre, intervenções no Teatrinho da Casa na Casa Elétrica e no Matiné Clio, participando também de intercâmbios artísticos com outros grupos. Desde 2018 o grupo segue desenvolvendo sua pesquisa em encontros e imersões no universo da investigação clownesca na Casa de Cultura Mario Quintana, no Instituto Arca Verde (São Francisco de Paula/RS), e no espaço do Grupo Cerco. Atualmente é formado por mulheres palhaças que também atuam em outros coletivos da cidade e de fora dela.

sendo somados (princípios permanecem) e os aspectos vivenciados e trabalhados em cada fase são usados como ponto de partida para a fase seguinte.

Em diálogo com o orientador elegemos a Metodologia Cartográfica como Ethos da Pesquisa. Sinto que, apesar de a metodologia estar delineada no papel, na prática a intenção é deixar que os encontros e desejos interfiram na mesma. Assim, optamos por adotar uma metodologia que não aprisiona a experiência e, ao mesmo tempo, atribui ao processo uma prática de conhecer. O trabalho do cartógrafo exige um tipo de presença corporal para delinear processos em curso, assim os caminhos são construídos ao mesmo tempo em que se transita por eles.

Para Suely Rolnik (2006; 2012), na pesquisa cartográfica o pesquisador se compromete a estar atento às estratégias das formações do desejo em qualquer fenômeno da existência humana, não teme o movimento, “Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua” (Rolnik 2006, p.66) – e nariz, acrescento.

A metodologia cartográfica está intimamente ligada a processos de invenção artística, é a importância dos elementos surpresa que assombram, pois é também do inusitado que podem surgir os voos mais desafiadores e instigantes (Lieberman, 2008). Na plasticidade do olhar do cartógrafo, que experimenta diferentes tipos de voos nos processos, os procedimentos são reorganizados e se colocam em estado de abertura.

Assim, tenho buscado manter em vista o estado de abertura mencionado não apenas nas práticas relacionadas a palhaçaria, mas também na relação com meus colegas pesquisadores.

Fase Preparatória:

Segundo a descrição contida no projeto inicial, nesta fase, a pesquisadora visitaria lugares com o intuito de “mapear” a cidade de Campinas/SP e definir os dois locais onde aconteceriam as Saídas de Palhaço

da pesquisa. Um deles, já estava pré-definido: o centro. O outro: um bairro. Mas qual?

Para esta tarefa, tornar “o” bairro um lugar concreto, minha primeira decisão foi adquirir um mapa da cidade.

O Mapa/ Olho o mapa da cidade / Como quem examinasse / A anatomia de um corpo.../(E nem que fosse o meu corpo!) / Sinto uma dor infinita / Das ruas de Porto Alegre / Onde jamais passarei... / Há tanta esquina esquisita, / Tanta nuance de paredes, / Há tanta moça bonita / Nas ruas que não andei / (E há uma rua encantada / Que nem em sonhos sonhei...) / Quando eu for, um dia desses, / Poeira ou folha levada / No vento da madrugada, / Serei um pouco do nada / Invisível, delicioso / Que faz com que o teu ar / Pareça mais um olhar, / Suave mistério amoroso, / Cidade de meu andar / (Deste já tão longo andar!) / E talvez de meu repouso... (QUINTANA; 1975, p. 125)

Mapa de Campinas.



Foto: Giovanna Zottis

Sempre que olho mapas, não posso evitar lembrar desta poesia de meu conterrâneo. Pego-me a conversar em pensamento com Quintana dizendo-lhe “eis aqui um novo corpo, tão estranho ao meu! Aos pouquinhos torna-se menos estranho, aos pouquinhos um pouquinho mais meu”. Frente a este novo mapa constato perplexa o que eu já sabia: moro nesta cidade há pouco mais de um ano e não a conheço!

Conheço Barão Geraldo e o centro da cidade, entre eles uma rodovia. Sempre achei curiosa a presença dessa rodovia no meio da cidade. Olhando o mapa fica ainda mais evidente este corte provocado por ela. Sua presença é marcante. Essa é uma cidade que tem alguns bairros bastante isolados uns dos outros. Conhecê-los requer uma tomada de decisão. Muitas vezes, para ir de um bairro a outro de transporte público é necessário pegar um ônibus rumo ao centro e de lá pegar outro ônibus rumo ao bairro que se deseja ir, e talvez, ainda um terceiro ônibus para se deslocar dentro do bairro. O que de carro levaria 20 minutos, de ônibus leva, com sorte, 4 vezes mais tempo. O transporte público direto entre vários desses bairros é inexistente. Tenho a impressão de que não é por acaso que nós, moradores de Barão Geraldo, pouco sabemos do que se passa nestas “outras Campinas”.

Frente a esta realidade, e a quantidade de abstrações que me causam este mapa, o planejamento inicial (“a pesquisadora visitaria lugares...”), e já estando eu em contato com um grupo de palhaças e palhaços dispostos a serem parceiros nesta pesquisa em Campinas, marco um encontro em Sala de Trabalho e levo o mapa.

Primeiros encontros em Sala de Trabalho

Estes primeiros encontros tinham alguns objetivos, dentre eles: nos conhecermos e reconhecemos enquanto grupo de trabalho, nos conhecermos enquanto palhaços através de jogos e experimentações com o nariz, apresentar formalmente ao grupo a pesquisa, e verificar dúvidas e desejos individuais e coletivos dentro da pesquisa.

Compreender os desejos de cada um na pesquisa era um momento chave para mim nesta primeira conversa. A pergunta soa no ar: Qual o teu interesse nesta pesquisa? Vejo as mentes trabalhando, o esforço em tentar tornar palavra o desejo. Foi bonito ver, em seguida, os desejos sendo afirmados e se tornando um pouco mais conscientes; ver “o ouvir” e o “se identificar” com o desejo do outro; e também “o perceber” das particularidades dos desejos de cada um. Neste momento nós nos conhecemos um pouquinho mais no âmbito pessoal e enquanto pesquisadores.

Lembro de dizer a eles em seguida algo que ficava cada vez mais claro para mim e também me afligia de certa maneira: “Faço essa pesquisa com meus próprios recursos. Acharia justo, mas não posso pagar para vocês o tempo de trabalho disponibilizado. O que eu posso oferecer é o compartilhar, é a própria pesquisa em si. Para a escrita deste mestrado meu olhar, inevitavelmente, fará seleções. Mas acredito que estas experiências que vamos vivenciar têm muito mais a oferecer do que poderei abarcar ou captar. Tragam para cá os desejos de vocês”.

Ao colocar isso no papel, reflito: E se houvesse pagamento envolvido, seria diferente? Teria uma outra postura frente a pesquisa? Acredito que não. Apenas penso que os desejos individuais aqui devem ser valorizados. Claro que o fato de eu assumir a autoria do texto e da pesquisa me trazem algumas funções referentes a coordenação deste projeto. Mas a verdade é que não sei trabalhar de maneira diferente (e nem gostaria!), se não coletivamente. Trago para o grupo propostas, intuições de como pode ser cada fase da pesquisa, mas não gostaria de considerá-las imutáveis ou sem porosidades.

De repente, estando em grupo, pareceu-me não fazer mais sentido fazer sozinha a escolha dos locais de saída, como havia planejado. Eu já havia definido que seriam dois locais. Já havia escolhido o centro e imaginava em que parte dele poderíamos realizar as saídas. Mas ainda havia algo em aberto. Afinal, se desenvolveremos juntos as outras fases, porque não também pensarmos juntos essa Fase Preparatória? Ao mostrar o mapa propus que fizéssemos juntos essas visitas.

Diante do mapa, pergunto: Como faremos essa escolha? O que sabemos nós dessa cidade?

Na foto, da esquerda para direita: Carla Vendramin, Luzia Ainhoren, Eduardo Albergaria, Hector Spagnoli e Larissa Blanco.



Foto: Giovanna Zottis

Dentre nós, duas pessoas sabem um pouco mais sobre a cidade: Hector é quem vive aqui há mais tempo, Eduardo morou aqui durante vários anos e está de volta. As outras, Carla, Larissa, Luzia e Naia Pratta (ausente na foto), são “estrangeiras”, como eu. Assim começamos essa “exploração”: compartilhando saberes, descrições, dúvidas, curiosidades, fatos históricos, vivências.

Inspirados pela experiência de Ricardo Puccetti ⁵, que realizava Saídas de Palhaço sozinho, e pela experiência que vivenciei nas Saídas de Emergência (das quais participei diversas vezes como equipe de apoio) decidimos conhecer 6 lugares, cada um escolhido por um dos palhaços pesquisadores. E por que não, ao invés de simplesmente ir conhecer os locais, realizarmos Saídas Individuais? A ideia de estar sozinho de palhaço na rua, como fazia Ricardo, despertava-nos ao menos dois fortes sentimentos: o primeiro de desafio e curiosidade, o que nos fazia admirar a coragem de Ricardo; e o outro de dúvida e apreensão sobre como seria estar sozinho de palhaço na rua. Decidimos então, que nessas Saídas Individuais de Reconhecimento, um iria de palhaço e seria acompanhado pelos outros pesquisadores como equipe de apoio “à paisana”. Assim, experimentaríamos a sensação de estar sozinho de palhaço na rua; minimizaríamos as apreensões com a presença do grupo; conheceríamos lugares possíveis para as fases seguintes da pesquisa, já experimentando a relação do palhaço com aquele espaço; e ainda poderíamos todos passar pelo papel de ser equipe de apoio, oferecendo um “olhar de fora” ao pesquisador que estivesse de palhaço. Como fechamento deste primeiro ciclo de Saídas de reconhecimento dos locais de pesquisa, propus que realizássemos também a primeira Saída Coletiva no centro da cidade.

Assim, estávamos criando o que seria uma “Pré-Zona de Contato”, ou uma “Zona de Contato Individual”, ou seja, a premissa seria a mesma da “Zona

⁵ Ricardo Puccetti é ator pesquisador e palhaço do LUME Teatro. Em sua dissertação de Mestrado (2017) no PPGADC/Unicamp “A Travessia do Palhaço – A Busca de uma Pedagogia” descreve a criação do procedimento/hábito de sair as ruas como palhaço, de 1987 a 1990, sendo esta experiência o embrião das saídas de rua.

de Contato”, sair para estar em relação, porém com a proposta de estarmos sozinhos de palhaços e acompanhados de perto pelo grupo.

Saídas de ReConhecimento

Zona de Contato Individual

Nesta fase uma palhaça sai à rua sem ter, a princípio, outras pretensões que não se relacionar com os passantes. Ela quer ver e ser vista; encontrar conexões e estabelecer relações diversas com as pessoas e os objetos do mundo. Ela está em desajuste com a correria do cotidiano e com a constante utilidade com que as pessoas costumam sair às ruas. De repente, o seu desajuste provoca curiosidade e riso, e esse riso estabelece uma conexão. Cria-se o espaço do encontro.

Agora, estabelecida esta ligação, o que o clown tem a dizer? O clown, enquanto artista, vem revelar ao público sua lógica pessoal de compreender o mundo. A complexa técnica da arte do clown é um instrumento pelo qual seu trabalho pode ser a expressão de sua compreensão da vida, dos homens e de suas relações. (PUCETTI, 1999, p. 89).

As saídas a campo têm o foco na qualidade da interação com o outro, como forma de investigar as relações estabelecidas entre os palhaços e a rua; e posterior análise dos aspectos sociais envolvidos nas situações experienciadas.

Na Zona de Contato, e por extensão também na recém-criada Zona de Contato Individual, temos os seguintes focos: relação, empatia, abertura para o jogo, improvisação, ponte do olhar, lógica pessoal do palhaço.

Ainda sem materiais codificados, estamos buscando principalmente a interação. Também os jogos espontâneos que possam surgir a partir das relações com as pessoas e com o espaço urbano. Após as saídas, com o foco nos momentos em que a comicidade se fez presente e nos possíveis jogos espontâneos, os pesquisadores transcrevem para o diário de bordo os momentos mais marcantes e os momentos a serem analisados. Levantam-se hipóteses a respeito das perguntas: quais foram os disparadores do efeito cômico nas relações/situações que se estabeleceram? Quais foram os jogos ou

potenciais jogos que surgiram? Que elementos da lógica pessoal do palhaço apareceram?

A partir dos desejos e da escolha de onde realizar, foram realizadas 6 saídas individuais. Compartilho algumas imagens de cada uma delas.

Ilustração retirada do meu Diário de Bordo

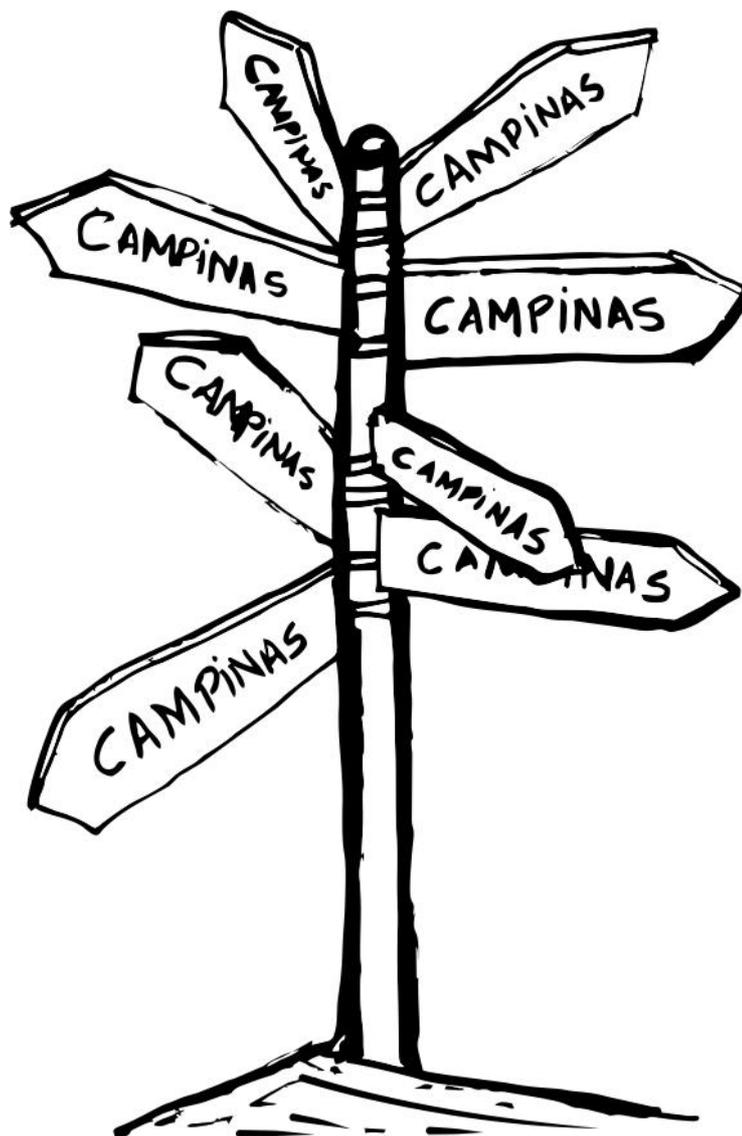


Ilustração: Giovanna Zottis



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Giovanna Zottis

Saída 2 Carla - Vila Padre Anchieta



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria

Saída 3 Eduardo - Dic 5 - Conjunto Habitacional Chico Mendes



Foto: Giovanna Zottis



Foto: Giovanna Zottis



Foto: Giovanna Zottis

Saída 4 Giovanna - Feira do Rolo - Jardim Campo Belo



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria

Saída 5 Naia - Vila Industrial



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria

Saída 6 Luzia - Vila Padre Manuel de Nobrega



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria

Após as saídas individuais, o objetivo inicial havia sido cumprido, encontramos juntos o bairro, além do centro, no qual também realizaremos as quatro fases da pesquisa: Bairro Vila Padre Anchieta. Mas, para além disso, percebo que, erroneamente considerei, em algum momento, essa fase como uma Fase Preparatória, como se a escolha do local fosse algo menos importante, sem perceber as potências deste ato.

Esse momento inicial, feito em grupo, suscitou diversas questões, dentre elas: Qual a diferença quanto à recepção dos passantes em relação a um palhaço singular versus palhaços no plural? O que cada um de nós precisa para se sentir pronto para sair de nariz vermelho e estar em relação?

Deparo-me com o fato de que a pesquisa já começou. Começou diferente da maneira planejada, mas de forma pulsante e viva.

Primeira Zona de Contato Coletiva

Realizamos a primeira saída coletiva no centro da cidade com o intuito de ReConhecer o espaço, de nos conectarmos enquanto grupo e com a ideia de estarmos juntos como palhaços na rua.

Com as fotos a seguir finalizo esse breve e primeiro compartilhamento, ciente de que diversas questões aqui abordadas mereceriam uma reflexão mais aprofundada. Há ainda outras tantas questões que nem couberam neste relato.

O intuito deste compartilhamento é dividir um pouco do momento inicial da pesquisa; dos potenciais deste trabalho, em grupo e na rua, com o nariz vermelho. A cada novo olhar o trabalho se refaz ganhando outras dimensões possíveis através da metodologia proposta e fora dela. Metodologia esta que não pretende aprisionar, mas investigar caminhos possíveis de aprofundamento e criação na linguagem do palhaço através da relação com o espaço urbano.



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria



Foto: Eduardo Albergaria

Referências

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia e Sociedade**, 2007; 19(1): 15-22.

KASTRUP, V. Cartografias literárias. **Rev. Dep. Psicol.** Universidade Federal Fluminense; 14(2): 75-94, jul-dez. 2002.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias**: instantâneos de uma terapia ocupacional. São Paulo: Summus, 2008.

LIBERMAN, F; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 19, n. 52, Mar. 2015.

PASSOS, E.; *et al.* (Org.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PUCETTI, R. Caiu na rede é riso. **Revista do Lume** (UNICAMP), Campinas - SP, v.2, pp. 89-90, 1999.

PUCETTI, R. **A travessia do palhaço** - a busca de uma pedagogia. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2017.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1975.125

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006

ROLNIK, S. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. Núcleo de Estudos da Subjetividade. PUC-SP. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>.

Acesso em: 02 mar. 2019.

ZOTTIS, Giovanna. Saída de emergência: oficina e intervenção – relato sobre experiência formativa na relação do nariz vermelho com rua. **Anais do VIII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas**, Campinas – SP, v.4, 2019.